

## O DRAMA DA VIDA SEVERINA: E A EPIFANIA DA ESPERANÇA NO PALIMPSESTO CABRALINO

Eli Brandão da Silva<sup>1</sup>

**RESUMO:** O texto apresenta uma leitura da obra *Morte e Vida Severina*: Auto de Natal PERNAMBUCANO, de João Cabral de Melo Neto, perspectivando o nascimento de severino como revelação poético-teológica da esperança que sufoca o desespero, como ponte plurifacetária entre teologia e literatura. O poema-obra cabralino é ilustra a complexa relação interdiscursiva entre o literário e o teológico, por meio do palimpsesto bíblico; entre discurso teológico e discurso literário, relação transdisciplinar; e entre linguagem poética e linguagem teológica, encontro da metáfora com o símbolo.

**Palavras-chave:** 1. Literatura; 2. Teologia; 3. Esperança; 4. Evangelhos; 5. Símbolo.

**ABSTRACT:** This text offers a reading of the work *Morte e Vida Severina*: Auto de Natal PERNAMBUCANO, by João Cabral de Melo Neto, viewing the birth of Severino as the poetic-theological revelation of hope that suppresses despair, and the multifaceted bridge between theology and literature. This discussion seeks to present the Cabralino poem – work as a sample of the complex relation: between literary text and theological text, revelation of the Biblical palimpsest; between theological discourse and literary discourse, transdisciplinary relation; and between poetic language and theological language, the encounter of metaphor and symbol.

**Keywords:** 1. Literature; 2. Theology; 3. Hope; 4. Gospels; 5. Symbol.

### Introdução

No cenário brasileiro dos últimos anos, observamos uma crescente produção de trabalhos resultantes de estudos que procuram interpretar as diversas relações operadas no seio das culturas e no interior dos textos, dentre os quais destacamos os que enfocam o diálogo intercultural envolvendo literatura e teologia. É no contexto deste mais específico debate que o presente trabalho concentra o seu foco, empreendendo leitura da obra **MORTE E VIDA SEVERINA: AUTO DE NATAL PERNAMBUCANO**, de João Cabral de Melo Neto.

<sup>1</sup> Graduado em Letras e Teologia, Mestre em Teologia, Doutor em Ciências da Religião, Professor Efetivo da Universidade Estadual da Paraíba, no Depto. de Letras e Artes. Ensina componentes curriculares na área de Literatura e Teoria Literária no Curso de Graduação em Letras, no Mestrado e Doutorado em Literatura e Interculturalidade (PPGLI), onde orienta estudantes e coordena projetos na interface Literatura/Teologia/Filosofia. Coordena o NEFITEL - Núcleo de Estudos Filosóficos e Teológicos pela Literatura e o Grupo de Pesquisa LITTERASOFIA - Hermenêutica Literária em diálogo com a Filosofia e a Teologia. E-mail: [elbrandy@uepb.edu.br](mailto:elbrandy@uepb.edu.br)

O poema cabralino divide-se internamente em 18 cortes que antecipam o curso da narrativa. Separando o Auto de Natal propriamente dito do restante da obra, contamos 12 cortes, simetricamente atualizados por seis monólogos e seis cenas, dispostos alternadamente.

No primeiro monólogo, Severino retirante faz sua auto-apresentação e nos demais medita sobre as cenas que se lhe apresentam. A narrativa segue linearmente, alternando monólogos / cenas, constituindo a tensão dramática, que, progressivamente, vai se condensando até o clímax, momento em que há uma interrupção da narrativa e o Auto de Natal é encaixado. A divisão neste trabalho respeita a ordem em que estão dispostos os monólogos e as cenas, fazendo um peculiar agrupamento, tendo em vista o objetivo da leitura.

## 1. Ensaiano entrar no texto

O texto é como uma partitura musical e o leitor como o maestro que segue as instruções da notação. (...) compreender não é apenas repetir o evento do discurso num evento semelhante, é gerar um novo acontecimento, que começa com o texto em que o evento inicial se objetou <sup>2</sup>

O tecido-obra-objeto em estudo reclama método de leitura compatível com sua complexa e híbrida configuração. Por isso, o caminho proposto reflete complexa convergência engendrada no interior do poema, cuja dinâmica representa o próprio objeto funcionando.

A leitura de textos literários ou teológicos requer análise e interpretação. A proposta aqui se desenvolve amalgamando contribuições da teoria da transtextualidade<sup>3</sup>, de Genette, da semântica discursiva de Maingueneau, conjugadas na esteira da teoria da interpretação de Ricoeur. Não será, portanto, uma leitura rigorosamente transtextual, pois possui degrau semântico-discursivo e hermenêutico. Mas pode ser entendida como espécie de hermenêutica transtexto-discursiva, entendendo que a identificação de qualquer relação hipertextual implica interpretação. Reconhecer relação contratual entre dois ou mais textos implica pré-conhecimento dos envolvidos. Neste sentido, diz-se que “o leitor que partilha da cultura do autor tem, necessariamente, um intertexto mais rico” <sup>4</sup>. De modo que a leitura ou reescritura de um auto de natal, necessariamente, evoca os seus textos fundantes, os Evangelhos. Prossequimos, então, na convicção de que “a obra pode ser concebida e julgada do ponto de vista de qualquer dos valores nela contidos” <sup>5</sup>.

<sup>2</sup> RICOEUR, Paul. **Teoria da Interpretação**. Porto: Porto Editora, 1995, p.121.

<sup>3</sup> GENETTE, Gérard. *Palimpsestes. La littérature au second degré*. Paris: Éditions du Seuil, 1982. Genette define a transtextualidade como tudo o que coloca um texto em relação manifesta ou secreta com outros textos e distingue cinco modalidades específicas de diálogo transtextual, que, ao mesmo tempo, são aspectos de toda textualidade. Ele enumera os tipos numa ordem crescente de abstração, de implicação e de globalidade: Intertextualidade, paratextualidade, metatextualidade, hipertextualidade e a arquitekstualidade.

<sup>4</sup> RIFFATERE, 1989, p.41

<sup>5</sup> MUKARÓVSKY, 1981, p.128,169,170

Por interpretação, entendemos na esteira de Ricoeur a polaridade explicação / compreensão numa “dialética complexa e altamente mediada”, que se refere a duas fases de um único processo. Primeiro por meio de movimento da compreensão para a explicação e, segundo, numa inversão, da explicação para a compreensão. Inicialmente, a compreensão é uma conjectura, captação ingênua, porém não completamente arbitrária, do sentido do texto como um todo. O segundo momento é explicação da estrutura, que tem em vista mais rica compreensão. A explicação operacionaliza-se por meio de procedimentos interdiscursivos e hipertextuais. O terceiro momento, apoiado nos anteriores, é uma interpretação, aplicação como resultado de certa apropriação. A compreensão é que uma hermenêutica literária deve assumir, tríplice tarefa: compreender, explicar e aplicar, à semelhança da aplicação da pregação após exegese bíblica, do veredicto após exegese jurídica<sup>6</sup>. Leitura, então, em três etapas: conjectura; análise; e interpretação.

## 2. Paratexto<sup>7</sup> tagarela

O deus, cujo oráculo está em Delfos, não oculta nem revela: ele indica.<sup>8</sup>

Só se deve entrar no texto através dele mesmo. Aqui, a porta será o título e o subtítulo da obra, elementos ostensivos que funcionam como chave de acesso imediato ao texto, constituindo-se sintagmas identificadores que funcionam como “iscas” de metatextos críticos, revelando aspectos da architextualidade<sup>9</sup> da obra.

O paratexto principal da obra é tagarela, pois apresenta forma mista, compreendendo elementos “temáticos e remáticos”<sup>10</sup>. O título, **MORTE E VIDA SEVERINA**, tematicamente, refere-se à dialética, persistente em toda a obra, Morte como convite ao desespero e Vida como convite à esperança; enquanto o subtítulo, **AUTO DE NATAL PERNAMBUCANO**, rematicamente, refere-se ao gênero dramático, na forma singular do Auto. O título denuncia a tensão, essência do dramático, que alimenta o ritmo cênico de todo o drama, qualificando e intensificando a sina que marca os personagens, através do modificador “Severina”, indicador de severidade. O subtítulo, além de se confessar religioso, Natal, apresenta-se como representante de uma forma típica: Pernambucano.

---

<sup>6</sup> RICOEUR, 1995, p. 296

<sup>7</sup> Segundo tipo de transcendência textual do texto da teoria da transtextualidade de Genette. Dentre eles: o título, o subtítulo, intertítulo, prefácios, posfácios, avisos, notas marginais, epígrafes, ilustrações, além de outros sinais acessórios que asseguram ao texto um envolvimento, um comentário, oficial ou oficioso.

<sup>8</sup> Heráclito.

<sup>9</sup> Quinto tipo de transcendência textual, o mais abstrato e o mais implícito. Refere-se às relações do texto com normas conceptuais e categoriais que regulam a ordenação textual, aos gêneros e sub-gêneros da literatura. GENETTE, 1982, p. 12.

<sup>10</sup> Dois tipos dominantes, com modulações e modalidades de transição: os temáticos se referem ao conteúdo do texto; e os remáticos, se referem às características de natureza quase sempre architextual. GENETTE, 1972, p.75..

Os autos designavam na Idade média toda peça curta e equivalia a um ato que viesse a integrar um espetáculo maior e completo, relacionando-se tematicamente aos *mistérios* ou às *moralidades*<sup>11</sup>. No Auto cabralino, temos a combinação de aspectos das duas referidas modalidades, visto que a dicotomia teológica dos *mistérios* é substituída, como observa Nunes<sup>12</sup>, pela dialética Vida & Morte, que conserva não só a temática dos *mistérios*, mas também a função didática das *moralidades*. Outro dado na complexidade configurativa do Auto cabralino é a relação entre este e os *autos de devoção e de conversão*<sup>13</sup>

A obra sugere um palimpsesto. O Auto cabralino parece dissimular e subscrever textos da tradição do pastoril pernambucano, dos autos medievais dos Evangelhos de Mateus e Lucas, fundadores da tradição natalina indicada pelo título.

### 3. Severino e seus enigmas

*Somos muitos Severinos / (...)/ iguais em tudo e na sina*<sup>14</sup>

Observando o paratexto que introduz este primeiro monólogo “O RETIRANTE EXPLICA AO LEITOR QUEM É E A QUE VAI” constata-se configuração de síntese da obra, anunciando uma espécie de monólogo-hipótese. As referidas indicações do paratexto de abertura sugerem que na seqüência da narrativa se saberá quem é o retirante e qual o seu propósito. O retirante se auto-apresenta: “O meu nome é Severino”. Severino é o seu nome. Mas a identidade de alguém não é apenas o seu nome. O nome, de fato, identifica e com ele as pessoas se identificam, sendo um símbolo. O nome é apenas uma entre outras formas de representar a identidade. Além do nome de registro, alguém pode ser identificado, por exemplo, por sua profissão: pela família, pelo lugar de nascimento, pela religião. A identidade pode ainda ser definida como um “processo-metamorfose”<sup>15</sup>, como algo a ser construído ou como algo a ser decifrado.

A intuição que temos é a de que Severino vai se apresentando a retalho: “não tenho outro de pia”. Ele, agora, parece querer se identificar de forma apofática, através do menos, algo recorrente na poética de Cabral<sup>16</sup>. A falta de sobrenome que o distingue familiarmente

<sup>11</sup> Nos mistérios, temas retirados da Bíblia para transmitir ao povo a história, os dogmas refletem o conflito do homem, em face do Bem e do Mal; do Pecado e da Graça; da Salvação e da Perdição eterna, entre outros. Nas moralidades, temas retirados da vida concreta objetivam analisar e criticar os costumes, por meio de personagens que representam abstrações personificadas de vícios e virtudes humanos, em face de certa visão de mundo.

<sup>12</sup> NUNES, Benedito. João Cabral de Melo Neto. Petrópolis: Vozes, 1974.

<sup>13</sup> Zagury chegou a essa conclusão, após análise do Auto da Mofina Mendes e do Auto de los Reyes Magos, na busca de identificar as raízes de Morte e Vida Severina na tradição ibérica. Zagury, 1991

<sup>14</sup> Os fragmentos da obra Morte e Vida Severina aparecerão sem indicação de página.

<sup>15</sup> CIAMPA, 1987, p.129

<sup>16</sup> Barbosa (1975, p.113), referindo-se a Cão sem Plumas, procura mostrar que a intensidade da negatividade cabralina se revela ainda maior na medida em que aquilo que, ironicamente, se nega ao sujeito: cão/rio, é o que tem mais valor no léxico. Para NUNES (1974, pp.88-89), a negatividade de Severino se revela na medida em que este “nomeia tudo o que é vinculado, pela igualdade do anonimato, à dialética morte / vida”. Já Secchin (1983, p.107) procura mostrar que a dialética do menos, presente em toda obra cabralina, expressa-se através da relação entre a palavra esvaziada do poema e o espaço sócio cultural – carente e desfalcado – que ela incorpora.

acrescenta algo ao seu nome. Não ter “outro de pia” não é apenas um menos em sua identidade, mas também a revelação de sua identidade religiosa: é um cristão. Ou, pelo menos, fica claro que foi batizado nesta tradição. Na seqüência, parece não conseguir êxito em acrescentar a si algo mais que o distinga dos demais homens, pois:

*Como há muitos Severinos, / que é santo de romaria,*

Seu nome não é suficiente para distingui-lo dos demais, pois ele pode ser confundido com os santos de romaria. Mas esse anonimato amplia sua identidade, pois essa identificação pode se associar a certa sina de caminhante religioso, que ora vai carregado pelo curso do rio, ora vai carregando outros para um lugar sagrado. Por causa da possível confusão de sua identidade coletiva, Severino acrescenta:

*deram então de me chamar / Severino de Maria;*

Atentemos para as figuras que surgem. Maria, isoladamente, já é novo acréscimo a sua identidade: tem mãe, cujo nome é Maria. Trata-se de nome riquíssimo de sentido e de referência: é o nome da mãe de Jesus. Ora, isto é mais para sua identidade. Aqui o vemos, de alguma maneira, identificado com o próprio Jesus: seja como seu irmão, outro parente ou discípulo, seja com sua sina. Ser filho de Maria o enriquece, mas parece ainda dizer pouco:

*como há muitos Severinos / com mães chamadas Maria, / fiquei sendo o da  
Maria / do finado Zacarias.*

Como Maria também é também a mãe de muitos Severinos, ele precisa acrescentar o nome do pai: Zacarias. Zacarias não é um nome qualquer, seu pai é homônimo do pai de João, o batista. Por essa razão, cria-se mais um enigma. Pressupomos que os Evangelhos estão necessariamente contidos e semi-apagados no “Auto”, e que podemos lê-los no texto atual como por transparência, pois um texto pode sempre camuflar outros, sem, contudo, jamais dissimulá-los completamente<sup>17</sup>.

Sem pretensões de realizar interpretações totalmente fantasiosas que não encontrem plausibilidade no texto, mostraremos como, gradativamente, o nível temático dá sentido ao figurativo e o narrativo, do mesmo modo, ilumina o temático. A recorrência do tema subjacente às figuras vai, desse modo, tecendo a unidade da leitura.

Nos Evangelhos, os antropônimos Maria e Zacarias não são figuras isoladas, mas formam rede relacional, onde as figuras se articulam para produzir determinado efeito. Se em lugar de Maria e Zacarias tivéssemos Benedita e Fabiano, o sentido sugerido seria outro. Como a interpretação de um texto não se reduz à mera apreensão de figuras isoladas, mas, sim, à identificação das relações que entre elas se estabelecem e à avaliação da trama que constituem,

---

<sup>17</sup> GENETTE, 1982, p. 12.

curiosa é essa associação. Isto porque nos evangelhos Maria é esposa de José e Zacarias é esposo de Isabel. Esta aparente confusão com os nomes dos personagens dos Evangelhos nos desafia a encontrar o sentido da nova relação estabelecida, visto que Maria é a mãe de Jesus e Zacarias é o pai de João, o batista. Parece, portanto, claro que o nosso Severino, através dos antropônimos paterno e materno, estabelece dupla relação com os Evangelhos: por parte de Maria, com Jesus; e, por parte de Zacarias, com João, o batista.

Na seqüência da narrativa, Severino ainda em busca de mais acrescentar a sua identidade, reconhece que tudo quanto disse “ainda diz pouco”, pois Zacarias foi também um antigo coronel. Buscando distinguir seu pai do seu homônimo, acrescenta sua identidade toponímica: é pernambucano do sertão, de um lugarejo vizinho a Paraíba, o que poderia suscitar dúvida preconceituosa e milenar: pode vir alguma coisa boa da Serra da Costela?<sup>18</sup>.

Severino é, antes de tudo, insistente. Percebendo que “ainda diz pouco”, pois na serra havia muitos severinos, através de recurso sinestésico, identifica-se com a Serra “magra e ossuda”, revelando mais um aspecto de sua complexa identidade: é semelhante a sua própria terra porque dela foi formado.

Inicialmente, Severino era só ele mesmo e, por isso, a 1ª pessoa do singular; depois, ele é também os outros e, por isso, a 3ª pessoa do plural. Agora, Severino assume sua identidade expandida e, por isso, utiliza a 1ª pessoa do plural, pois esta inclui as demais. É como se confessasse: “meu nome é legião porque somos muitos”<sup>19</sup>. Embora essa sina pareça refletir um estado demoníaco, conjectura-se que ela possua também dimensões messiânicas.

*Somos muitos Severinos / iguais em tudo na vida (...)/ iguais em tudo e na sina*

Iguais na constituição física e frágil; iguais, também, porque é uma vida que, dialeticamente, contém a semente-flor-fruto da condição severina, abrigo de permanente ameaça de morte; iguais, ainda, porque é uma missão ou sina difícil.

Severino é filho de Maria e de Zacarias; é semelhante ao solo de que foi formado; é representante da vida e da sina do seu povo; enigma, em relação às narrativas dos Evangelhos. Identidade coletiva, mas também identidade pessoal, na medida em que no todo está a parte e na parte está o todo, pois aquilo que o iguala aos outros também é ele.

O tema foi surgindo por intermédio das indicações paratextuais e do primeiro monólogo. As figuras foram se juntando, sugerindo a concretização do tema do Natal. Para além da anônima generalidade que identifica o herói com uma vida típica de retirante, exemplarmente filho da severidade, a sua identidade excessiva é quem conduz nossa leitura. As figuras não podem ser interpretadas isoladamente e nem superficialmente. Por isso, ressaltamos não o fracasso do Severino em apresentar sua identidade pessoal, mas o sucesso alcançado pela

<sup>18</sup> Análoga depreciação foi feita a Jesus. “Poderá vir alguma coisa boa de Nazaré?” (João 1:46).

<sup>19</sup> Resposta do endemoninhado à pergunta de Jesus – Qual é o teu nome? (Marcos 5:9).

identidade excessiva construída. Severino é uma “metáfora viva”. Um personagem com excesso de sentido e de referência.

Concluindo sua auto-apresentação, Severino acrescenta:

*- Mas, para que me conheçam / melhor Vossas Senhorias / e melhor possam seguir a história de minha vida, / passo a ser o Severino / que em vossa presença emigra.*

Severino iniciou este monólogo dizendo:

*O meu nome é Severino...*

Agora, no final, conclui:

*Passo a ser o Severino...*

No início da auto-apresentação, “o meu nome é Severino” foi-se revelando como muito pouco e, por isso, Severino passou a dizer cada vez mais sobre si.

Agora, no final do primeiro monólogo, em “Passo a ser o Severino..”. o sentido foi ampliado pelo enigma gerado pela sua já confessada identidade coletiva, anônima. Uma confissão que pode ser entendida como: Passo a ser o Severino com muito mais e em processo de ser ainda mais. Um Severino-retirante-profeta que traz consigo uma sina comum aos sujeitos coletivos que representa. Severino é um e muitos, como o rio e todos os inumeráveis Severinos que do Sertão deságuam nos mangues do Recife; é o que nomeia tudo o que é vinculado, pela igualdade do anonimato, à dialética morte/vida<sup>20</sup>, “um severino Severino”<sup>21</sup>. Sua identidade inclui a de um retirante nordestino, mas a extrapola. A obra de João Cabral, como observa Barbosa<sup>22</sup>, embora transporte sempre marca da concretude regional, seu valor está mais no tratamento dado aos temas e procedimentos poéticos do que apenas como fonte de documentação regional. Por isto, mais do que um representante do retirante, ele incorpora aspectos do homem universal, na medida em que simboliza os que em busca da vida, da esperança, emigram de qualquer parte do mundo, de qualquer estado e em qualquer época.

Em face do contexto do Natal, a tagarelice do paratexto principal da obra e o sentido extravagante da identidade do Severino propuseram alguns enigmas:

Qual a relação entre o Auto de Natal Pernambucano e os Evangelhos? Qual a relação entre Severino e Jesus? Qual a relação entre Severino e João, o batista? O Severino que vai conduzir esta viagem é um personagem híbrido, que tem um eu expandido, complexo e

---

<sup>20</sup> NUNES, 1974, p. 88-89.

<sup>21</sup> CIAMPA, 1987, p. 22.

<sup>22</sup> 1986, p. 107.

composto: poético e teológico; pessoal e coletivo, um sim-não e um ainda-não, uma espécie de João-Severino. O paratexto deste primeiro monólogo parece ter conseguido cumprir a sua sina, pois o personagem apresentou-se não só como indivíduo, mas também como símbolo de coletividade, como enigma e como ação que prossegue.

#### 4. Predestinação: conjectura transtextual

Ela tem tal composição  
E bem entramada sintaxe  
Que só se pode apreendê-la  
Em conjunto: nunca em detalhe<sup>23</sup>

A conjectura, teologicamente e teleologicamente, pode ser chamada de predestinação transtextual, por se apoiar em indicações paratextuais e em figuras e temas.

Os autos de natal, peculiarmente, jamais configuram drama de caráter trágico. Ao contrário, por serem peças curtas integrantes de um espetáculo maior, configuram sempre um certo tipo de peça-mito de caráter celebrativo. O poema cabralino, entretanto, possui um duplo caráter: o trágico e o celebrativo. Na primeira parte, configura-se um drama de caráter trágico. Nele, a tensão dramática progressivamente se condensa até o ponto mais alto, mas não se consuma em tragédia, pois, no momento nefasto, abre-se uma segunda parte, na qual ocorre o encaixe do Auto de Natal propriamente dito.

Assim, pressupomos que o primeiro auto – o drama trágico de Severino – exerce no conjunto da obra a função de prólogo alongado do Auto. Tal disposição ressalta o caráter simbólico do nascimento do menino como esperança para o drama trágico da existência.

O drama trágico do Severino, sua tensão entre vida e morte, mais do que o símbolo da condição humana de um povo regionalmente localizado, tem uma extensão que alcança a dimensão humana em sua universalidade. Pressupomos que a primeira parte do Auto – da auto-apresentação até à cena do salto – é uma alegoria do drama da existência humana. E que o encaixe do Auto de Natal no momento exato da consumação da tragédia humana conquista sentido profundamente teológico. Isto porque, tratando-se de um auto de natal, nem é possível o texto configurar-se sem dissimular os prototextos teológicos fundantes da tradição natalina, nem se pode conceber que qualquer leitor que compartilhe da cultura ocidental cristã não relacione o menino que nasce como alusão ao Jesus dos Evangelhos de Mateus e Lucas.

O palimpsesto funciona como chave na leitura de dois ou vários textos em função de um outro. Um texto é palimpsesto quando inclui, reveste e incorpora outros textos<sup>24</sup>. Pressupomos que a obra cabralina é palimpsestos de palimpsestos. E que entre o “Auto de Natal Pernambucano” e os Evangelhos estabelece-se uma relação hipertextual, por transformação,

<sup>23</sup> MELO NETO, 1999, p. 294.

<sup>24</sup> GENETTE, 1982, p. 452.

sendo o “auto” o hipertexto e os Evangelhos seus hipotextos. Como as relações entre eles não se apresentam como relações contratuais explícitas, faz-se necessário desvendar as marcas dos hipotextos dissimuladas no texto atual.

Conjecturamos que o Auto cabralino é palimpsesto e possui em comum com os Evangelhos a **configuração discursiva => o nascimento de uma criança; e o núcleo sêmico => símbolo da esperança**. A esperança gradativamente destruída e o desespero de tal modo intensificado instaura um simbolismo de sentido apropriadamente teológico.

Será, portanto, leitura em travessia para os Evangelhos, seguindo o curso da narrativa poética, numa alternância metodológica, entre semiótica literária, semântica e hermenêutica; entre o discurso teológico e o discurso literário; entre o hipertexto e o hipotexto; entre Morte – como o grito do desespero - e Vida, como convite à esperança, numa dialética que pode muito bem ser traduzida pela tensão criada entre o desespero-semente e a esperança-semente.

O caminho segue o desespero brotado que vai crescendo e a esperança teimosa que vai emudecendo a cada cena. A esperança teima em se fabricar, mas o desespero insiste em ser fatal. Caminho, portanto, marcado pela contínua tensão dramática, que prossegue em alternância progressiva e convergente até o clímax.

A conjectura suspeita que o nascimento da criança metamorfoseia poeticamente o desespero em rito celebrativo da esperança, tema por excelência teológico, estabelecendo um reencontro<sup>25</sup> entre a revelação da poesia<sup>26</sup> e a revelação da teologia.

## 5. No caminho do rio-severino

*Vou andando lado a lado  
de gente que vai retirando;  
vou levando comigo  
os rios que vou encontrando<sup>27</sup>*

A viagem do Severino é fuga da morte imposta pela própria vida Severina, que cedo é morrida ou matada; fuga do desespero, que é a morte da qual não se pode morrer<sup>28</sup>.

Seguindo o rio, seu caminho de fuga é também o de busca de vida, de esperança. Ao retirar, Severino não deseja simplesmente abandonar o Sertão. Ele deseja fugir das ameaças de morte, mas também chegar a Recife, seu destino, onde as águas se tornam abundantes, onde a vida é presumivelmente mais vida. A cidade passa a ser mais do que ponto de chegada, torna-se símbolo de sua esperança. Com isto, a pretensão de chegar ganha um novo sentido, pois sua fuga também passa a representar mais do que a defesa da vida. Chegar a Recife representa também um voto de confiança à esperança que teima fabricar mais vida.

<sup>25</sup> Poesia e teologia nasceram no mesmo berço mítico.

<sup>26</sup> “A poesia é a iminência de uma revelação”. BORGES, s.d.

<sup>27</sup> MELO NETO, 2000, p. 121.

<sup>28</sup> KIERKEGAARD, 1980, p. 201.

Sua viagem, portanto, segue marcada pelo malogro recorrente e pela esperança ressurgente. Cada morte presenciada testemunha a vida sobrevivida, portanto a esperança ainda não totalmente consumida pelo desespero fatal. Cada conjunto cena-monólogo revela a dialética morte-vida, desespero-esperança, fundadora, mantenedora e plenificadora da tensão dramática da obra. Nas cenas, a morte vai, progressivamente, condensando-se, desvelando o trágico, ao tempo em que, simetricamente, nos monólogos, a esperança de Severino vai se tornando impotente para combater o desespero fatal. O desespero cresce e a esperança se despede no último par cena-monólogo. Mas, diferente dos outros pares cena-monólogo, no diálogo entre Severino e seu José, mestre carpina, a dialética morte-vida revela sua maior intensidade: o desespero mortal domina o retirante; a esperança de vida malogra em sua fala, mas ressurge na fala do mestre carpina.

## 6. A morte se apresenta e a esperança vacila

Logo no início de sua viagem-fuga em busca da vida, Severino se depara com a morte. O diálogo entre Severino e os “irmãos das almas” que carregam um defunto vai revelando gradativamente o rosto da morte, seus agentes e os seus efeitos.

*A quem estais carregando/ irmãos das almas, ? / (...) A um defunto de nada,  
(...)/  
E sabeis quem era ele ? / irmãos das almas, ? / (...) / Severino Lavrador, /  
mas já não lavra.*

A morte que se apresenta ao Severino reduz o outro humano a “um defunto de nada”. No diálogo, é como se as respostas dos irmãos das almas às perguntas de Severino fossem gradativamente revelando que o que é próprio da vida severina é a morte, que esta é a morada para onde cada um, gastando as suas horas, viaja. E, deste modo, a morte se apresenta como uma castração que impede o ser humano de continuar construindo a sua identidade. Ele não poderá mais acrescentar nada ao seu ser, restando-lhe apenas um indício negativo do que ele foi em vida: “é Severino Lavrador, mas já não lavra”.

A morte revela-se como renovo perante ele, como raiz numa terra seca, como a paisagem física e humana que ele tanto conhece. A primeira paisagem, a Caatinga mais seca e a terra magra e ossuda sempre mais extinta, que “não dá nem planta brava”, mas que assegura a morte de fome um pouco por dia; a segunda, a ganância insaciável dos coronéis, que garante a “emboscada antes dos vinte”. Seja pela morte morrida de fome, de fraqueza e de doença; seja pela morte matada, por uma “ave-bala”, soltada, “voando desocupada”. A morte matada aqui é obra dos que têm a ganância do poder político-econômico; dos que, ao se sentirem ameaçados em seus interesses, não hesitam em soltar as “filhas-bala”.

Na seqüência, a morte não o abandona e parece querer definitivamente acompanhá-lo até o Recife, pois se reapresenta não só como símbolo de sua última morada - o cemitério,

destino final do defunto-severino - mas também como o seu próprio caminho – “Toritama é minha estrada” - o que revela a sua inequívoca identidade com a sina de morte. Severino não tem plena consciência da situação e quer prosseguir. Sabe apenas que “é muito longa a viagem e a serra é alta” e presume que mais sorte tem o defunto, que não fará na volta a caminhada. Fortuna apenas aparente, pois se, por um lado, quem morre não sente mais a ameaça da morte; por outro, também não pode mais ter esperança. Ao se apresentar, a morte fez vacilar a esperança.

No segundo monólogo, imagens religiosas diagramam o roteiro monótono do empreendimento de viagem de Severino até Recife:

*Antes de sair de casa/ aprendi a ladainha / das vilas que vou passar  
na minha longa descida. / sei que há vilas grandes, / cidades que elas são ditas;  
sei que há simples arruados, / sei que há vilas pequeninas, / todas formando um  
rosário cujas contas fossem vilas, / todas formando um rosário / de que a estrada  
fosse a linha. /Devo rezar tal rosário / até onde o mar termina.*

A configuração do rosário é análoga à justaposição dos monólogos e cenas da composição da obra. E o conjunto ladainha / rosário<sup>29</sup> representa, sinteticamente, o roteiro da viagem de Severino: por um lado, a monotonia; por outro, as sucessivas etapas a cumprir. Este componente religioso do seu percurso leva Severino a concluir que a última conta do rosário apenas poderá ser rezada quando chegar a Recife. Confessa, entretanto, que não julgava que seria tão difícil seguir o monótono caminho do rio:

*Vejo agora: não é fácil / seguir essa ladainha*

Isto porque, observando lugares secos de água e secos de vida, “lugares onde o pé se descaminha”, a esperança de Severino vacila e, tomado por esse espírito, ele lamenta:

*Pensei que seguindo o rio / Eu jamais me perderia: / Ele é o caminho mais certo,  
De todos o melhor guia. / Mas como segui-lo agora / Que interrompeu a descida ?*

Severino percebe que a dificuldade do seu empreendimento vai se tornando ainda maior pelo fato do rio ser também Severino:

*É tão pobre que nem sempre / Pode cumprir sua sina / E no verão também corta,  
Com pernas que não caminham.*

Não podendo, provisoriamente, contar com o seu caminho-guia, o rio<sup>30</sup>, símbolo de sua esperança de mais vida, as indicações dos símbolos religiosos que orientam as estações de sua via patética

<sup>29</sup> Enfiada de 165 contas, correspondentes ao número de 15 dezenas de ave-marias e 15 padre-nossos.

<sup>30</sup> O rio é o símbolo da esperança, é caminho, é guia e é o ponto de chegada. João, o batista, realizou sua missão batizando às margens do rio Jordão. No Cristianismo, o batismo é rito de iniciação a uma nova vida, mas também, dialeticamente, símbolo de morte.

ficam também sem efeito. A personificação do rio em face da desertificação física e humana pode aqui ser apropriadamente chamada de “liquidificação do homem e humanização do líquido”<sup>31</sup>.

Severino não pode contar com o rio, pois este interrompeu o seu curso; nem com o rosário, pois o seu sentido falhou junto com o rio, gerando a desorientação. Nem a religião nem a natureza podem ajudá-lo. Surge, desesperada, a dúvida:

*Tenho que saber agora / Qual a verdadeira via*

Somos remetidos aqui, interdiscursivamente, a outro Severino, também filho de Zacarias, quando nas malhas do poder político-religioso e sob a ameaça de morte, teve dúvida sobre a verdadeira via, o verdadeiro Messias, e enviou dois dos seus discípulos a Jesus para perguntar-lhe: “és tu mesmo o messias ou devemos esperar por outro?”<sup>32</sup>.

Quando nem as circunstâncias naturais, nem os símbolos da religião podem ajudar, a decisão mais sensata é desistir ou deixar emaranhar o fio da linha. Severino não deseja voltar, mas sabe que precisa urgente de solução. Mais do que a necessidade da fuga e mais do que o desejo de chegar a Recife, agora, a questão é assumir com a vida o combate contra a morte.

Desorientado, Severino não tem com quem se comunicar e são vários caminhos que diante dele se multiplicam. Um, entretanto, à distância, parece agradável:

*quem sabe até se uma festa / ou uma dança não seria?*

## **7.A morte festiva e a esperança reflexiva**

A positividade aparente se dilui. Não é festa, mas um velório onde pessoas cantam excelências<sup>33</sup> para um defunto. Severino está outra vez diante da morte e a consciência de sua condição severina se aprofunda. A morte desta vez aparece revestida de um certo tom festivo.

*Finado Severino, / Quando passares em Jordão / E os demônios te atalharem  
Perguntando o que é que levas... / Dize que levas cera, / Capuz e cordão  
Mais a virgem da Conceição.*

O encadeamento das figuras “Jordão”, “passar” e “demônios” revela percurso figurativo que remete a percurso análogo nos Evangelhos, pois a travessia do rio e a imersão no rio têm o sentido idêntico de passagem para outra vida<sup>34</sup>. O percurso temático desta cena sugere que, implícito ao canto das excelências, está a tradição teológica na qual a reza de encomendação da alma do morto se fundamenta. Segundo o preceito, o morto deveria levar consigo alguns símbolos religiosos para exorcizar os demônios que surgissem e para garantir o cuidado divino no outro lado da vida. Mas, enquanto a reza se processa, do lado de fora, ouve-se uma paródia ao canto que vem de dentro da casa.

<sup>31</sup> SECCHIN, 1983, p. 109.

<sup>32</sup> Lucas 7:19.

<sup>33</sup> Cantiga de velório em uníssono, sem acompanhamento instrumental.

<sup>34</sup> ELIADE, p. 240-244.

*Dize que levas somente / Coisas de não: / Fome, sede, privação.  
(...)/ Dize que coisas de não, / Ocas, leves: / Como o caixão, que ainda deves.*

O contracanto que parodia as palavras dos cantadores, no fundo, contesta o princípio teológico que fundamenta aquela tradição religiosa. O conteúdo parodístico apresenta um combate aos demônios por uma via negativa – “coisas de não” – que denuncia a inutilidade do preceito teológico e insinua que, como não serviram para defender o defunto-severino, não serão úteis após a morte. As figuras concretas apontam para um realismo tão severino que, por isso mesmo, é mais eficaz na exorcização dos demônios do que a mera repetição do credo. O sentido místico da cerimônia é rebatido parodisticamente, como observou Costa Lima<sup>35</sup>, em duplo sentido: dentro da cena, paródia à reza; fora dela, paródia a uma certa lírica que prefere caçar o etéreo ao invés de apontar a densa privação da contingência. A esperança não encontra fôlego na reza parodiada pelo discurso da realidade imanente e do pessimismo, de modo que Severino reflete sobre a suspensão ou continuidade de sua viagem. A reza indica que o morto já está decidido a atravessar o Jordão:

*- Uma excelência / Dizendo que a hora é hora. / - Ajunta os carregadores  
que o corpo quer ir embora*

Mas a paródia replica e secamente indica o imanente destino do defunto:

*- Ajunta os carregadores... / ... que a terra vai colher a mão.*

Severino está cansado e reflete sobre sua caminhada até então.

*- Desde que estou retirando / só a morte vejo ativa, / só a morte deparei  
e às vezes até festiva; / só a morte tem encontrado / quem pensava encontrar vida,  
e o pouco que não foi morte / foi de vida severina<sup>36</sup>*

Suas inquietações ameaçam a sua esperança, que, anelando por ver, nutre-se do que não ver; que, para continuar sendo esperança, precisa manter algo em mira:

*Na verdade, por uns tempos, / Parar aqui eu bem podia / E retomar a viagem  
Quando vencesse a fadiga. / Ou será que aqui cortando / Agora a minha descida  
Já não poderei seguir / Nunca mais em minha vida ?*

Em face de sua reflexão retrospectiva e prospectiva, Severino tem três alternativas: continuar, suspender temporariamente ou interromper definitivamente a sua caminhada e voltar. A primeira significa levar adiante o seu projeto; a segunda mantém a tensão da dúvida; e a terceira, voltar, talvez o imobilize para sempre. É uma séria decisão, análoga a uma certa Severina, ao fugir da cidade condenada a ser destruída por fogo e enxofre<sup>37</sup>, pois “olhou para

<sup>35</sup> Costa Lima 1968, p.321.

<sup>36</sup> (aquela que é menos / vivida que defendida / e é ainda mais severina / para o homem que retira).

<sup>37</sup> “Então o Senhor fez chover do céu enxofre e fogo sobre Sodoma e Gomorra”. Gênesis, 19: 24.

trás e ficou convertida em uma estátua de sal”<sup>38</sup>. Pode-se aqui ouvir o eco de uma fala restritiva de Jesus-severino: “Ninguém que lança mão do arado e olha para trás é apto para o reino de Deus”<sup>39</sup>. Recife é a cidade santa e a Caatinga seca é a cidade condenada.

Severino suspende a decisão temporariamente, mantendo, assim, a chama do desespero acesa, pois precisa de pão, precisa arranjar trabalho.

## 8. A fome de pão e a fome de esperança

O paratexto que abre o monólogo deste conjunto é enigmático: “*DIRIGE-SE À MULHER NA JANELA QUE DEPOIS DESCOBRE TRATA-SE DE QUEM SE SABERÁ*”. Severino vê uma mulher na janela. Ela se distingue das demais pessoas do lugar, pois, não sendo rica, “parece remediada”. Ele se aproxima dela e lhe dirige a palavra. O fio de sua conversa não se embaraça e ele tece precisamente a malha de sua intriga: tem fome de pão e sede de trabalho. A resposta imediata da mulher é positiva: há emprego. Mas a vaga se restringe aos que possuem uma certa competência. Severino prontamente se candidata. O diálogo vai se tornando cada vez mais dramático, pois, enquanto apresenta suas habilidades como lavrador, pastor de gado e serviçal dos engenhos, tudo que fora possível aprender em sua condição severina. A mulher, numa fala cruel e satírica, vai repropondo questões que patenteiam a inutilidade do seu currículo, até, provocadoramente, perguntar:

*- Mas isso então será tudo / em que sabe trabalhar ? / Vamos, diga, retirante, outras coisas saberá ?*

Severino reiteradamente traduz sua condição severina e sua disposição incondicional:

*- Deseja mesmo saber / O que eu fazia por lá ? / Comer quando havia o quê e, havendo ou não, trabalhar.*

A mulher, considerando a hipótese de Severino possuir uma outra habilidade, sugere sociedade: “trabalhávamos a meias”. Como não é compreendida por ele, numa fala sintética e lancinante, ela revela sua profissão, única forma de defender a vida na região: semear a morte.

*vivo de a morte ajudar. / (...)/ sou de toda região rezadeira titular. / - Como aqui a morte é tanta, / só é possível trabalhar nestas profissões que fazem / da morte ofício ou bazar / (...) farmacêuticos, coveiros, / doutor de anel anular / (...) Só os roçados da morte / compensam aqui cultivar.*

Só a morte é produtiva. E, neste caso, apenas a custo do sacrifício da vida. A fome é a morte aludida, que aqui se dissimula. Na fome, não vemos a morte por inteiro, mas apenas a

---

<sup>38</sup> Gênesis 19:26.

<sup>39</sup> Lucas 9:61.

experimentamos “um pouco por dia”, pois ela se disfarça no trabalho, símbolo do pão, da produção de vida, da sobrevivência, pois ali só é possível trabalhar ajudando a morte.

Para viver, Severino precisa de pão; ele tem fome de pão. Mais do que pão, ele precisa da força da esperança para continuar buscando o pão, a vida. Por isto, sua fome passa a ser outra: fome de esperança. Ouve-se aqui um eco profético: “Eis que vêm os dias, diz o Senhor Deus, em que enviarei fome sobre a terra; não fome de pão, nem sede de água, mas de ouvir as palavras do Senhor”<sup>40</sup>. Como a única palavra religiosa que lhe chega vem da Severina-rezadeira e se apresenta como a encarnação da morte, sua desilusão se aprofunda.

Prosseguindo, ele chega à Zona da Mata. A fome de esperança é tamanha, que pensa em interromper a viagem, pois julga ter chegado à sua “terra prometida”. Se, diante da morte recorrente, sua esperança vacilara e refletira sobre a continuidade ou não de sua busca. Se o realismo da paródia à reza abatera o seu ânimo e a Rezadeira o desiludira, agora, a paisagem verde e feminina da região amplifica-se no coração de nosso herói, beirando o ilusório:

*- Bem mediziam que a terra / se faz mais branda e macia / quanto mais do litoral  
a viagem se aproxima. / Agora afinal cheguei / nesta terra que diziam.  
Como ela é terra doce / para os pés e para a vista. / Os rios que correm aqui  
têm a água vitalícia.*

Severino, filho de uma terra seca, de repente, está diante da água. Naquela situação, a água simboliza a esperança de vida eterna:

*Vejo agora que é verdade / o que pensei ser mentira. / Quem sabe se nesta terra  
Não plantarei minha sina ? / Não tenho medo de terra / (cavei pedra toda a vida),  
e para quem lutou a braço / contra a piçarra da Caatinga / será fácil amansar  
esta aqui tão feminina.*

Enquanto seus olhos não percebem tudo, Severino mantém a esperança:

*Decerto agente daqui / jamais envelhece ao trinta / nem sabe da morte em vida,  
vida em morte, severina;*

## 9. A morte condensada e a esperança desiludida

A morte não dá trégua e agora se apresenta no funeral de um lavrador. O golpe violento e fatal dado outra vez pelos que controlam as estruturas de poder. Mais um Severino é vítima. Sua morte foi motivada pelo fato de lutar por justiça social:

*- Não é cova grande, / é cova medida, / é a terra que querias / ver dividida.  
- É uma cova grande / para seu pouco defunto, / mas estarás mais ancho  
que estavas no mundo.*

---

<sup>40</sup> Amós, 8:11.

Este é o terceiro funeral que se interpõe entre Severino e o seu caminho de esperança. Desde o Sertão até aqui à Zona da Mata, a morte é sempre a mesma. Não só são muitos Severinos, mas também são muitas as mortes encomendadas. Severino toma consciência de que para a morte não há limites geográficos e que a condição de vida severina está presente tanto onde há trabalho, quanto onde não há; que ela é mais opressora quando a religião se alia ao poder político, tornando-se deste um apêndice. Fica também claro que a justiça que o Severino tanto buscara ao reivindicar os seus direitos somente pode ser alcançada na morte, recebendo-a como cova, na medida exata: “nem largo, nem fundo”. Até em medida maior do que reclamava: “é uma cova grande para tua carne pouca”. Fala irônica que evoca, intertextualmente, um dito popular – “a terra dada não se abre a boca”<sup>41</sup>.

A biografia do morto vai sendo contada satiricamente pelas falas alternadas dos amigos. De privação em privação, a morte acaba por se constituir uma superação da privação pela privação absoluta da vida. A condensação da morte atinge também ironicamente os símbolos religiosos já referidos, que, agora, revelam pela morte sua verdadeira natureza infrutífera e sua impotência para guiar Severino em seu caminho ou depois da morte.

*- Na mão direita um rosário, / milho negro e ressecado. / Na mão direita somente*

*O rosário, seca semente. / Na direita, de cinza, / O rosário, semente maninha. Na mão direita o rosário, / Semente inerte e sem salto.*

E, por fim, o inexorável destino em seu aspecto mais universal:

*- E agora, se abre o chão e te abriga, / Lençol que não tiveste em vida.  
- Se abre o chão e te fecha, / dando-te agora cama e coberta.  
- Se abre o chão e te envolve, / como mulher com quem se dorme.*

A condição Severina intensifica a dor da vida e revela a tensão vida/morte, drama do gênero humano, onde a morte a todos iguala. Nesta cena, a morte condensa-se e alcança sua maior extensão. Este caráter mais universal da morte é expressamente indicado pelo pensador pessimista do livro de Eclesiastes<sup>42</sup>: “todos somos pó, e ao pó voltaremos”.

A condensação da morte emudeceu sua esperança. Tem religião, mas ela não serve; encontrou terra mais viva, mas a morte continua como ameaça, pois o sistema político-econômico privilegia poucos. Está desiludido. Sua reflexão o conduz a se autojustificar:

*O que me fez retirar / não foi a grande cobiça; / o que apenas busquei foi  
defender minha vida / de tal velhice que chega / antes de se inteirar os trinta;*

---

41 “Cavalo dado não se olham os dentes” (uma variante dentre outras).

42 Eclesiastes 3:20.

O destino trágico começa a tomar conta de Severino. Como se sentisse culpa por algo que não sabe explicar, algo que o transcende. Por isso, tenta explicar as razões de sua tímida esperança. Aquela esperança que o assaltara quando, por um momento, vira a terra “branda, doce e macia”, onde não envelheceria antes dos trinta, agora, está tão desiludida. Ele não consegue mais ver o futuro e confessa que desejara apenas sobreviver. Desde o Sertão, passando pelo Agreste e a Caatinga até a Zona da Mata, em relação à tensão morte/vida, nada difere. A diferença mínima está na forma de consumir o viver.

Sua missão é chegar a Recife, mas o caminho que o conduz passa pela tensão vida/morte. Na medida em que se aproxima da cidade, suas esperanças vão de tal modo emudecendo, que a desilusão chega a um estágio em que o símbolo de sua esperança vai se metamorfoseando em lugar de ameaça de morte. Assim, próximo da estação-última, está desiludido e na ante-sala da morte. Busca se desembaraçar dos símbolos religiosos que inútil o acompanharam até ali e decide apressar o seu passo, como se dissesse: é chegada a hora!

*Sim, o melhor é apressar/ O fim desta ladainha, / Fim do rosário de nomes  
Que a linha do rio enfia; / É chegar logo ao Recife, / derradeira ave-maria  
do rosário, derradeira/ invocação da ladainha, / recife, onde o rio some  
e esta minha viagem se fina.*

## 10. A morte profetizada e a esperança despedida

O herói desse drama trágico chega, finalmente, a Recife. Cansado da viagem, senta-se para descansar ao pé da muralha de um cemitério e, sem ser notado, ouve atentamente a conversa de dois coveiros. A cena é duplamente reveladora. Por um lado, por tratar-se do cemitério, símbolo da última morada; por outro, pelo conteúdo da conversa dos homens. O cemitério é um lugar simbólico: em seu silêncio, profetiza a morte como finitude, como irremediável destino de todo ser humano; evoca o mistério do além da morte, evoca perspectivas do sagrado<sup>43</sup>.

O diálogo dos coveiros vai revelando, ironicamente, o destino comum aos humanos. Contudo os diferentes tipos de cemitérios locais de sepultamento reproduzem as diferenças entre as classes sociais. Os ricos - os políticos, os usineiros, os banqueiros e os empresários - são sepultados nas “avenidas do centro”, onde o movimento é como o “porto do mar”. Os funcionários, os profissionais liberais e os operários são sepultados em “urbanizações discretas, com seus quarteirões apertados”. “Os pobres vários” são enterrados no “subúrbio dos indigentes” aonde chegam sempre em “comboio e onde não pára o vaivém”. A prosa dos coveiros sobre “defuntos ininterruptos” revela a sina de Severino:

<sup>43</sup> Se, por um lado, a morte pode ser entendida como o malogro absoluto, o ponto final de todo empreendimento humano; por outro, pode também ser entendida – e mais freqüentemente – como o lugar de um novo nascimento, esperança de passagem desta para outra vida menos severina.

*- É a gente retirante / Que vem do Sertão de longe. / - Desenrolam todo o barbante e chegam aqui na jante. / - E que então, ao chegar, / não têm mais o que esperar. - Não podem continuar / pois têm pela frente o mar. / - Não têm onde trabalhar e muito menos onde morar.*

Fica evidente a precária situação dos que retiram do Sertão para o Recife. Sem casa, sem trabalho, só resta sobreviver nos mangues dos rios. O símbolo de esperança se torna o símbolo da desgraça. No mangue, vivem em favelas; do mangue retiram o alimento; no mangue lançam os seus excrementos, que servirão de alimento para os caranguejos, que serão pescados para serem, outra vez, alimento, reiniciando, assim, o mesmo ciclo. A miséria é tão funesta, que a profecia dos coveiros ganha um tom ironicamente trágico para Severino:

*- E da maneira que está / não vão ter onde se enterrar. / - Na verdade, seria mais rápido e também muito mais barato / que os sacudissem de qualquer ponte / dentro do rio e da morte. / - O rio daria a mortalha / e até um macio caixão de água; (...) / que levaria com passo lento / o defunto ao enterro final / a ser feito no mar de sal.*

O enterro que lhe é oferecido em sua “terra prometida” despersonaliza os mortos, coisificando-os. Aqui, o desespero de Severino se acentua ao máximo, pois ele pressente que a profecia do coveiro prenuncia a privação de sua última morada:

*- Não é viagem o que fazem, / vindo por essas caatingas, vargens; aí está o seu erro: / vêm é seguindo seu próprio enterro.*

Severino está condenado! Sua morte está profetizada! Ele buscava vida, mas confessa que o que esperava nem era tanto:

*Que ao menos aumentaria / na quartinha, a água pouca, / dentro da cuia, a farinha, o algodãozinho da camisa, / ou meu aluguel com a vida.*

Severino é a imagem do homem diante da morte, do homem solitário. Abandonado pela religião e pela política, está ciente de seu destino trágico. Sua morte está predita: é um homem morto, mas um morto ainda com vida. De modo que decide:

*A solução é apressar / a morte a que se decida.*

Severino despede a esperança e deseja que a profecia dos coveiros se cumpra. Isto porque, diante da implacável força do destino, sente-se impotente para continuar combatendo e, por isso, lança mão de uma espécie de introversão que, como diria Kierkegaard<sup>44</sup>, “não passa de um escudo de orgulho que encobre uma fraqueza do desespero, que em longo prazo se tornará insustentável”. Se Severino não se livrar desse escudo, não conseguirá sair dessa situação e a loucura ou o suicídio tornar-se-ão válvulas de escape inevitáveis. Os golpes desferidos pela

<sup>44</sup> KIERKGAARD, 1980, p. 228.

morte atingiram de cheio a vida de Severino, que emudeceu a sua esperança e condensou o seu desespero. Estamos, como diz Barbosa: “no momento crucial do auto: aquele em que a esperança que movera as pernas do retirante começa a desvanecer-se por força e crueza de uma situação social muito pior do que a esperada”<sup>45</sup>.

Limiar do clímax do auto trágico. No diálogo entre Severino e o Carpina, a tensão dramática prossegue, revelando o instante mais demoníaco do desespero do retirante.

## 11. O convite da vida em face do salto da morte

Até aqui seguimos estrutura que compreendia pares de cena-monólogo, que, dialeticamente, revelavam a tensão morte e vida. Nas cenas, a morte sempre evocando o trágico destino da condição de vida severina e, nos monólogos, a esperança teimando se fabricar. Em cada cena, a morte investia contra o que restava de esperança, ao mesmo tempo em que, nos monólogos, a esperança de Severino ia definhando. Severino teve sua morte profetizada e sua esperança despedida. Sem forças e entregue ao desespero fraqueza, não mais consegue defender a vida, como o fizera no diálogo com a rezadeira. Está dominado pelo desespero. Mas a esperança despedida por Severino, ainda não derrotada completamente, toma fôlego na fala do Carpina, buscando combater o desespero que está prestes a afogar o Retirante. A esperança só continua como possibilidade para Severino porque do outro não brota só a ameaça e a morte, mas também a fala de esperança e o gesto de vida.

A conjectura indicou que, pelo fato de tratar-se de um auto de natal, os textos dos Evangelhos de Mateus e Lucas estão necessariamente subscritos. Com o aparecimento da figura de José, mestre carpina, a rede figurativa que remete aos Evangelhos se amplia, pois este é homônimo de José, o carpinteiro, pai de Jesus. A atitude de seu José, mestre carpina, aqui, é análoga à de seu homônimo bíblico quando, em situação idêntica, buscava fugir dos que intentavam matar o seu filho, a vida e a esperança ainda não nascida. Ao lançar luz sobre os enigmas propostos, a figura vai validando a conjectura.

O tema da morte como obstáculo à esperança, tão recorrente na história humana, encontra uma simbólica expressão no diálogo entre Severino e o José, mestre carpina, um morador de um dos mocambos, dentre os vários, situados entre o cais e a água do rio. O Carpina aproxima-se de Severino e este inicia o diálogo, perguntando sobre a fundura da “água grossa e carnal” do rio. Ao que o Carpina responde, literalmente, que, embora nunca tenha cruzado o rio a nado, a navegação de grandes barcos indica que é fundo. A disputa entre os dois não se trava apenas no âmbito temático, o do embate entre a vida e a morte, mas também entre as referências literal e metafórica, como podemos constatar na fala de Severino, ao considerar inúteis as informações literais do Carpina.

*para cobrir corpo de homem/ não é preciso muita água: / basta que chegue  
ao abdome, basta que tenha a fundura / igual à de sua fome.*

<sup>45</sup> BARBOSA, 1975, p. 125.

O Carpina, utilizando-se de um discurso de referência literal, redargúi:

*Severino, retirante, / (...)/ sempre que cruzo este rio costumo tomar a ponte;  
/ quanto ao vazio do estômago, / se cruza quando se come.*

O verbo cruzar, utilizado duas vezes em sentido literal, é central no argumento do Carpina. É aí que Severino se exalta um pouco e, retomando os termos utilizados pelo Carpina, reelabora-os com outra referência:

*Seu José, mestre carpina, / e quando ponte não há ? / Quando os vazios da  
fome não se tem como cruzar ? / Quando esses rios sem água / são grandes braços  
de mar?*

José reconhece que, em relação às questões profundas do ser, a linguagem literal tem limitações, pois, passa a incluir em sua fala a referência metafórica.

*sei que a miséria é mar largo, / não é como qualquer poço: / mas sei que  
para cruzá-la vale bem qualquer esforço.*

O espírito de luta e sofrimento de José em defesa da vida é análogo ao de José e Maria dos Evangelhos quando buscavam uma hospedaria onde o menino Jesus pudesse nascer. O Carpina sabe das adversidades da vida, mas crê na possibilidade de sua superação. Não se trata, portanto, de uma esperança contemplativa, mas sim operativa.

O diálogo prossegue e Severino indaga se, no seu caso, quando a força já morreu, a melhor coisa não seria se entregar “ao puxão das águas”. O carpina rebate, insistindo no combate ao mar daquela conversa, pois tal desesperança, em largas proporções, pode alagar e devastar a terra inteira. Severino, irredutível, não crê que nada possa mudar o destino já traçado, pois “acabamos naufragados num braço de mar miséria”. Mas José, persistente em sua esperança, apropria-se da fala do retirante, transmudando o pessimismo em otimismo, os braços acomodados de miséria em braços de luta:

*Severino, retirante, / muita diferença faz / entre lutar com as mãos e  
abandoná-las para trás, / porque ao menos esse mar / não pode adiantar-se mais.*

Mas Severino, relutante, reafirma sua descrença na mudança do destino trágico. Neste ponto, Severino não permite que o Carpina retome a fala e, duplicando<sup>46</sup> a sua, ataca o seu interlocutor com o realismo da miséria presente:

*há muito no lamaçal / apodrece a sua vida ? / e a vida que tem vivido foi  
sempre comprada à vista?*

A fala serena do mestre carpina – “sou de Nazaré da Mata”- revela a firmeza de sua esperança e convoca. A figura “Nazaré” é duplamente reveladora: reafirma identidade do mestre carpina com José, o pai de Jesus, pois ambos procedem de cidades que têm o mesmo nome<sup>47</sup>; identifica o Carpina com Severino, pois, sendo Nazaré da Mata cidade da Zona da

<sup>46</sup> Este é o único momento do diálogo em que a fala de Severino ocupa doze versos de uma única vez.

<sup>47</sup> “Subiu também José, da Galiléia, da cidade de Nazaré”. Lucas, 2:4.

Mata, ele é também um retirante, entre outros tantos retirantes. A resposta de José ganha um caráter tão patentemente alusivo, como se fosse o eco da fala de Jesus nos Evangelhos<sup>48</sup>:

*a vida de cada dia / cada dia hei de comprá-la.*

Para José, a questão não é a possibilidade ou não de comprar a vida “em grandes partidas”, mas a de comprá-la sempre, todo dia, cada dia. Pois o que se compra “a retalho é, de qualquer forma, vida”. Severino não tem mais esperança nem palavras para combater a fala de vida e de esperança do carpina. Está mergulhado no desespero e completamente dominado. Aquele que antes quisera saber qual a verdadeira via está, agora, inerte, condenado à morte.

Não conseguindo evitar que sua “cidade santa”, a sua “terra prometida”, se transformasse em terra de “maldição”, está, agora, em agonia. Ele está à beira da tragédia! Ele é a imagem do trágico<sup>49</sup>:

Quando se destrói a razão de uma existência humana, quando uma causa final e única cessa de existir, nasce o trágico. Dito de outro modo, há no trágico a explosão do mundo de um homem, de um povo, de uma classe.

O drama trágico de Severino é alegoria do drama humano, porque “o trágico só é possível na obra de arte porque ele é inerente à própria realidade humana”<sup>50</sup>. Severino está por um fio. Um passo o levará ao suicídio, pois “o trágico é uma situação-limite em que se rompem todas as normas e anula-se a realidade humana”<sup>51</sup>.

A fala final de Severino evidencia sua resignação em cumprir a profecia dos coveiros:

*Seu José, mestre carpina, / que diferença faria / se em vez de continuar tomasse a melhor saída: / a de saltar, numa noite, / fora da ponte e da vida?*

## 12. O nascimento de Jesus-Severino: festiva epifania

*- De sua formosura / deixai-me que diga: / é tão belo como um sim numa sala negativa.*

A fala trágica de Severino é interrompida pela fala de uma mulher que, da porta do mocambo de José, anuncia-lhe que seu filho “saltou para dentro da vida”. O tempo cronológico fica, miticamente, suspenso e instaura-se um tempo festivo. Está encaixado o auto de natal; um auto dentro do auto. O drama trágico do Severino foi interrompido por uma epifania.

O encaixe do auto no auge do desespero de Severino dá ao anúncio um sentido especial, pois, para combater o desespero potência máxima, só a esperança em potência ainda maior. A criança nascente, neste caso, não pode ser um menino qualquer nascido no mangue. Seu salto para dentro da vida impediu que Severino desse o salto para dentro da morte.

<sup>48</sup> “Não vos inquieteis pelo dia de amanhã (...). Basta a cada dia o seu mal” (Mateus, 6:34).

<sup>49</sup> STAIGER, 1975, p. 147.

<sup>50</sup> BORNHEIM, 1975, p. 72.

<sup>51</sup> STAIGER, 1975, p. 148.

Quem é este que tem o poder de impedir o desespero se consumir em suicídio? Quem é este nascente que traz a esperança para os que lutam pela vida? Quem é este que converte o drama trágico do humano em celebração?

O fato do anúncio do nascimento do menino produzir o efeito de interromper a tragédia revela a extraordinária riqueza do simbolismo deste evento. Mais do que representante regional, Severino simboliza o drama humano da busca de vida, de esperança. A resposta ao seu grito de desespero não pode ser interpretada como nascimento de mais um Severino. O símbolo de esperança só vem à tona porque se trata do Auto de Natal. O simbolismo aqui não advém da interpretação de figuras isoladas, mas do encadeamento das mesmas, pois Maria, Zacarias e José, alusivamente, remetem aos Evangelhos.

Por tudo isso, a análise, neste ponto, concentra-se na busca dos hipotextos evangélicos dissimulados. Tal tipo de análise justifica-se pela autonomia que o auto de natal constitui e pelo objetivo de demonstrar aqui um palimpsesto, um texto poético-teológico.

### 13. Anúncio: salto para dentro da vida

#### **Auto de Natal Pernambucano**

Compadre José, compadre,  
Que na relva estais deitado:  
Conversais e não sabeis  
Que o vosso filho é chegado?

Estais aí conversando  
Em vossa prosa entretida:  
Não sabeis que vosso filho  
Saltou para dentro da vida?

Saltou para dentro da vida  
Ao dar seu primeiro grito;  
E estais aí conversando;  
Pois sabeis que ele é nascido.

#### **Loa do anjo no Pastoril<sup>52</sup>**

Pastoras, belas pastoras,  
Que na relva estais deitadas  
Descansais e não sabeis,  
Que a luz do céu é chegada?

Estais unidas a Morfeu  
No gozo da natureza ?  
Acordai, se estais dormindo  
Vinde ver nossa grandeza.

O desejado das gentes  
O Messias prometido,  
A nossos pais, tantos séculos,  
Pois sabeis que ele é nascido<sup>53</sup>.

Breve comparação entre os dois prólogos deixa entrever que um está dissimulado e transformado no outro. Poder-se-ia projetar análise hipertextual, buscando-se no Auto cabralino a tradição pastoril como hipotexto. Mas como o poema é um palimpsesto de

<sup>52</sup> A Loa dos pastoris da tradição pernambucana remonta os teatros portugueses e espanhóis dos sécs. XVI e XVII. É uma espécie de prólogo de dramas e comédias, cuja finalidade era captar a atenção, simpatia e participação.

<sup>53</sup> COSTA, sd, p. 199.

palimpsestos, a presente leitura delimita e se concentra na busca de outros hipotextos, as narrativas do nascimento de Jesus, fundantes da tradição cristã dos autos de natal.

O anúncio do nascimento do menino é a ponte que liga os dois autos conjugados na obra, ou seja, o auto-trágico ao auto-celebrativo, à peça-mito. Não fosse o salto para dentro da vida em oposição ao salto para fora da vida, os autos estariam completamente separados. Isto porque o sentido do auto-trágico se completa com o Auto de Natal, que, por sua autonomia semântica, pode ser deslocado de um para outro contexto.

A luta do Carpina, em defesa vida pode ser entendida como análoga à luta de José, pai de Jesus, quando, fugindo da ameaça de Herodes, procurava um lugar onde o menino Jesus pudesse nascer. Observe-se que o Carpina, enquanto resistia à morte que se apresentava na fala de Severino, intensa e fraternalmente lutava como quem cria numa promessa. De modo que a notícia do nascimento da criança no exato momento do desespero mortal de Severino, não só é resposta aos anseios do Carpina, mas também poder que impede a tragédia, revelando-se como a vitória da vida e da esperança que teimosamente resistia.

As marcas dos hipotextos evangélicos transparecem na figura da mulher que sai do mocambo e, festivamente, faz o anúncio do nascimento do menino, visto que ela encobre a figura do anjo da anunciação de **Mateus**<sup>54</sup> e de **Lucas**<sup>55</sup>. Em **Mateus**, além do anjo, o anúncio faz-se por meio da estrela do oriente, inserindo, assim, elementos da natureza física como instrumentos da revelação divina. Já em **Lucas**, a duplicação é dos receptores da anunciação, pois não só a Maria as “boas novas” são anunciadas, mas também aos pastores, o que sugere uma esperança que alcança também trabalhadores marginalizados.

No Auto cabralino, embora a anunciação seja breve, ela conjuga as tradições de **Lucas e Mateus**, visto que amplia os agentes da recepção e inclui os marginalizados. A análise destes aspectos no palimpsesto cabralino revela: uma diferença, pois o agente da anunciação não é um ser assexuado nem um astro celeste, mas pessoa humana, mulher, pobre; e uma identidade, pois o anúncio do nascimento de uma criança como símbolo de esperança.

## 14. Celebração: um hino à vida

O nascimento do menino é anunciado com tanta alegria, que contagia os moradores dos mocambos do mangue, produzindo entre eles um clima de festividade. Em contraste com as precárias condições de vida ali existentes realçam a força transformadora operada pelo nascimento. A louvação dos vizinhos, dos amigos e das duas ciganas dão ao nascimento do menino amplitude cósmica, que deixa entrever a louvação dos anjos de Lucas<sup>56</sup>:

*- Todo o céu e a terra / lhe cantam louvor. / Foi por ele que a maré  
esta noite não baixou.*

---

<sup>54</sup> Mateus 1:20-21.

<sup>55</sup> Lucas 1:30-31.

56 “Glória a Deus nas maiores alturas, e paz na terra; fraternidade entre os homens.” Lucas, 2:14.

O contexto pobre do menino Jesus – “envolto em panos numa pobre manjedoura<sup>57</sup>” – é substituído por um mocambo do mangue e os efeitos de solidariedade se estendem à natureza física e à humana, que, irmanadas, reverenciam e louvam o menino. Embora os efeitos pareçam, ironicamente, insignificantes, no contexto de miséria, são extraordinários: “o mau-cheiro da lama não voou” e cada casa se metamorfoseou “num mocambo sedutor”. O “milagroso” se revela no plano da imanência, como uma “encarnação do divino” naquela condição miserável de vida e nas limitações naturais. O rio, por exemplo, “que jamais espelha o céu”, transmuda-se – “hoje enfeitou-se de estrelas” - para, alusivamente, mostrar a figura que, numa “revelação natural”, guiou os *magos* ao local onde nasceria Jesus. A cena seguinte mostra “pessoas” que trazem presentes para o menino nascido:

*- Minha pobreza tal é / que não trago presente grande: / (...) que coisa não posso ofertar: / somente o leite que tenho / para meu filho amamentar; (...) / que não tenho presente melhor: / que não tenho presente caro: / (...) que pouco tenho o que dar.*

Neste ponto, vê-se como por transparência os dois Evangelhos: a figura dos magos de Mateus e a dos pastores de Lucas. Os magos ofertaram presentes caros<sup>58</sup> e os pastores nada tinham para ofertar<sup>59</sup>. Nos dois casos, na abundância de presentes e na sua falta, temos a alusão ao discurso das posses, representado na alusão à riqueza e à pobreza, respectivamente. Aqui, o Auto de Natal outra vez conjuga as duas tradições evangélicas, ou seja, a riqueza, expressa pelos presentes ofertados pelos magos e a condição de pobreza, expressa na figura dos pastores, transformando-as. Embora no Auto cabralino os presentes caros dos *magos* sejam substituídos por presentes simples e de necessidade imediata, o aspecto de serem presentes de grande valor permanece, pois os presentes, aparentemente sem grande valor, representam o que de melhor as “pessoas” possuem. A grandeza dos presentes, neste caso, é análoga à grandeza da oferta da Viúva<sup>60</sup> que deu tudo quanto tinha e à da dádiva do rapaz que ofertou os pães e os peixinhos<sup>61</sup> para saciar a fome de uma multidão. A retirada das figuras nobres – *magos* - do cenário do nascimento do menino, não só introduz aspecto popular à celebração natalina, mas também, simbolicamente, exclui a figura dos representantes da classe dos que queriam impedir o nascimento do menino.

A fraternidade, conseqüente do nascimento do menino, expressa, por pessoas da comunidade é tamanha, que nem a ironia de algumas falas – “mamando leite de lama conservará nosso sangue” - consegue ofuscar o espírito de irmandade gerado.

---

<sup>57</sup> Lucas 2:7.

<sup>58</sup> “Ao verem a estrela, grande alegria. Entrando na casa, viram o menino com Maria sua mãe e, prostrando-se, o adoraram; e abrindo os seus tesouros, ofertaram-lhe dádivas: ouro incenso e mirra.” Mateus 2: 10-11.

<sup>59</sup> Aqui, percebe-se um aspecto da transformação hipertextual operada entre Lucas e Mateus.

<sup>60</sup> “Jesus viu os ricos entregarem suas ofertas; viu também uma pobre viúva dar duas moedas de insignificante valor; e disse: Em verdade vos digo que esta pobre viúva deu mais do que todos; porque todos deram daquilo que lhes sobrava; mas esta, da sua pobreza, deu tudo o que tinha para o seu sustento.” Lucas, 21:1-4.

<sup>61</sup> “Está aqui um rapaz que tem cinco pães de cevada e dois peixinhos; mas que é isto para tantos?” João, 6.9.

Na cena seguinte, duas ciganas profetizam o futuro do menino. Nos Evangelhos o aspecto intercultural é salientado pela figura dos *magos*<sup>62</sup>. Mas, na obra cabralina, tal aspecto transparece na figura das “ciganas”, que transforma e encobre a figura dos *magos* de Mateus. Observando a relação que se estabelece entre as “ciganas” do Egito e os *magos* do oriente, percebe-se uma diferença e uma identidade. A identidade reside no aspecto intercultural; a diferença reside no tipo de estrato sócio-econômico e no gênero que as ciganas representam. Se por um lado elas são representantes de uma camada social pobre e são mulheres; por outro, os magos, diferentemente, representam uma classe social elevada<sup>63</sup> e são homens. Além disto, de um modo bastante peculiar, as ciganas desempenham função análoga à função religiosa do profetismo do anjo de Mateus<sup>64</sup>, visto que o nome do menino é relacionado à sua identidade e missão. Como em Lucas os *magos* de Mateus são substituídos pelos pastores, a relação entre as ciganas e os pastores estabelece dupla identidade e uma diferença. Identidades porque, do mesmo modo que os pastores, as ciganas são pobres e, após verem o menino, saem a anunciar coisas a respeito dele; a diferença é que são mulheres<sup>65</sup>.

A primeira cigana profetiza que o menino assumirá plenamente a condição humana: será um Severino entre Severinos. Crescerá como crescem todas as crianças do lugar, aprenderá as primeiras as primeiras lições de vida com os anfíbios, com as aves e com outros animais, e será um pescador<sup>66</sup> nos mangues. A segunda cigana anuncia que o menino progredirá. Da lama dos mangues passará à graxa da máquina. A mudança revela poderosa potencialidade de melhoria de vida:

*- vejo coisa que o trabalho/ talvez até lhe conquiste: / que é mudar-se  
destes mangues daqui do Capibaribe/ para um mocambo melhor/ nos mangues do  
Beberibe.*

Embora irônica, a mudança simboliza a potência da vida, semente do salto, esperança que, embora severina, abre brecha através da qual se revela o poder que impede que a existência severina seja absolutamente determinada pelas circunstâncias externas adversas.

A última cena: “VIZINHOS, AMIGOS, PESSOAS QUE VIERAM COM PRESENTES, ETC.”

---

<sup>62</sup> Os magos do Oriente representam, no nascimento de Jesus, a presença de membros de uma outra cultura.

<sup>63</sup> “Então Herodes chamou secretamente os magos, e deles inquiriu com precisão acerca do tempo em que a estrela aparecera; e enviando-os a Belém, disse-lhes: Ide, e perguntai diligentemente pelo menino; e, quando o achardes, participai-mo, para que também eu vá e o adore” Mateus, 2:7-8.

<sup>64</sup> “Ela dará à luz um filho, a quem chamarás JESUS; porque ele salvará o seu povo dos seus pecados. Ora, tudo isso aconteceu para que se cumprisse o que fora dito da parte do Senhor pelo profeta.” Mateus 1:21-22.

<sup>65</sup> Em Lucas, o anjo da anunciação aparece a Maria, mas não a José; em Mateus, o anjo aparece apenas a José.

<sup>66</sup> A pesca remete simbolicamente à atividade de Jesus: “eu vos farei pescadores de homens.” Mateus, 4:19.

## 15. Hino à vida; canto de vitória

Aqui o texto está completamente transformado. Não se vê nitidamente qual texto específico ficou encoberto, mas várias alusões a Jesus podem ser vistas. Isto porque o nome deste menino que salta para dentro da vida, impedindo a tragédia, transformando as relações humanas e trazendo alegria para os pobres, em nenhum momento é mencionado. As indicações mostram que é um Severino, mas os efeitos produzidos pelo seu nascimento revelam que ele não é uma criança qualquer que nasce no mangue, como sugeriu Nunes<sup>67</sup>.

As duas partes deste canto profético anunciam que o menino é profundamente humano e símbolo da superação da sina severina. Na primeira, sua identidade é apresentada em termos de contraste entre sua visível fragilidade física e sua invisível beleza na potência superadora da condição severina. Na segunda, a sua beleza é apresentada através de imagens que nos remetem ao contexto de adversidade, de elementos em oposição, que salientam poeticamente uma beleza profundamente humana, mas invisível aos olhos da cara.

A descrição começa mostrando que, por trás de sua aparência física franzina, há um potencial profundamente humano latente.

*- De sua formosura/ já venho dizer: / é um menino magro, de muito peso não é, / mas tem o peso de homem, / de obra de ventre de mulher.*

As descrições a seguir, “pálida”, “guenzo”, “enclenque”, “setemesinha”, indicam o estado doentio e prematuro do menino. Apesar desta frágil condição, o salto qualitativo da vida já se anuncia na belíssima imagem poética das mãos criadoras do que ainda não é<sup>68</sup>:

*mas as mãos que criam coisas/ nas suas já se advinha.*

A vida é descrita não só como resistência ao adverso, mas também como vitória. Como o intérprete jamais se aproxima do que diz o texto se não viver na aura do sentido interrogado<sup>69</sup>, não se pode deixar de ver aqui o canto de Maria, exultação por seu filho e canto de vitória do oprimido sobre o opressor<sup>70</sup>. A criança nascida é força que teimosamente resiste contra as circunstâncias produzidas por estruturas de poder injustas e opressoras:

*- De sua formosura/ deixai-me que diga: / é belo como o coqueiro que vence a areia marinha. / (...)/ belo como o avelós / contra o Agreste de cinza. (...)/ belo como a palmatória / na caatinga sem saliva.*

<sup>67</sup> NUNES, 1974, p. 88.

<sup>68</sup> Imagem semelhante é a do grão de mostarda: “O reino de Deus é como um grão de mostarda que, quando se semeia, é a menor de todas as sementes que há na terra; mas, tendo sido semeado, cresce e faz-se a maior de todas as hortaliças e cria grandes ramos, de tal modo que as aves do céu podem aninhar-se à sua sombra.” Marcos 4:30-32.

<sup>69</sup> RICOEUR, 1978, p. 251.

<sup>70</sup> “Com seu braço manifestou poder; dissipou os soberbos em pensamentos e corações; depôs dos tronos os poderosos, e elevou os humildes. Aos famintos encheu de bens, e vazios despediu os ricos.” Lucas, 1:51-53.

As imagens poéticas são de uma beleza singular. Mas a sugestiva imagem que segue não só retoma a idéia do salto qualitativo, vitória da vida sobre a ameaça de morte, mas também condensa todas as outras imagens de vitória, desdobrando-se ainda nas que seguem.

*é tão belo como o sim / numa sala negativa.*

Extraordinária, alegre e poderosa epifania! O novo que ressurge triunfa sobre as trevas que ameaçam a vida, constituindo-se afirmação da vitória sobre o que no velho está morto. A beleza ressaltada no menino é incomum. É invisível aos olhos físicos. Sua potência se revela na resistência ao adverso:

*Belo porque tem de novo / a surpresa da alegria. / Belo porque corrompe  
com sangue novo a anemia. / Infecciona a miséria / com vida nova e sadia.  
Com oásis, o deserto, / com ventos, a calmaria.*

O rebento é símbolo da esperança que não se deixa afogar nos determinismos externos. O poder que salta dentro e de dentro da vida se nega a ser consumida pela morte.

Mas quem é este menino? É um Severino palimpsesto de Jesus. Basta ser a criança nascente num auto de natal, para ser alusivamente Jesus.

A força do símbolo do nascimento produziu um encontro singular. A poesia revelou a potência da esperança como arma de vitória sobre a morte, pois o cenário do nascimento remeteu aos Evangelhos, atingindo a dimensão simbólico-teológica. Isto porque a ação trágica que desenvolvida em tensão contínua e progressiva até o clímax, com o encaixe do Auto de Natal, não se consumou em tragédia, mas em celebração e conversão. De modo que foi o nascimento da criança que não permitiu que a esperança moribunda morresse; que o desespero fatal tragasse a existência severina. Aqui se engendra típica esperança, pois o nascimento de Severino aponta para uma esperança não contemplativa, mas operativa. Esperança que não permite reduzir Severino à “vítima de um destino cego e fatal, produto de forças adversas e incontroláveis<sup>71</sup>”.

Não se trata apenas do nascimento de uma criança, mas da instauração do simbólico, do mito da criança nascente. Nem importa saber se foi essa a intenção do poeta. Importa que através da poesia o sagrado explodiu por entre a trama tecida, por entre a teia das tradições. O menino é, portanto, um Jesus-Severino. Encontro de Severino com Jesus; encontro da revelação poética com a teológica.

---

<sup>71</sup> NUNES, 1974, p. 125.

## 16. Explosão da vida: resposta ao convite da esperança

*Podeis sempre aprender que o homem,  
É sempre a melhor medida.  
Mais que a medida do homem  
Não é a morte mas a vida<sup>72</sup>.*

O carpina retoma o diálogo com Severino que a tudo apenas assistia, “sem tomar parte em nada”. Mas, desta vez, Severino apenas ouve a fala exortativa de José, mestre carpina. A conversa interrompida com o anúncio do nascimento deixara a interrogação de Severino no ar. Como o salto para dentro da vida triunfou sobre a ameaça do salto para dentro da morte, é deste ponto que o Carpina retoma a prosa, convidando Severino à reflexão.

Este terceiro degrau hermenêutico segue a estrutura da obra, pois a fala do Carpina é uma verdadeira aplicação da lição aprendida com o evento e a significação da vida nascida. Severino, que retirara cheio de esperança, encontrou tanta morte em seu caminho, que seu desespero final reflete bem sua frustração, sua impotência e sua descrença.

O encontro do Carpina com Severino e a interrupção do salto da morte pelo da vida deixa a lição de que a vida é, necessariamente, defendida com palavras, mas que estas, isoladamente, revelam-se impotentes para dar conta da complexa e profunda natureza da existência humana. José, que tentara defender a vida apenas com palavras, aprende, agora, que, mais do que um discurso bem elaborado, a resposta à questão do sentido da vida encontra sua mais potente expressão no simbolismo daquela bem-aventurada epifania. A criança nascida é a encarnação da palavra de vida que estava latente na fala do Carpina e a resposta ao convite da esperança implícita no desespero<sup>73</sup> de Severino<sup>74</sup>. Naquele nascimento, o verbo se fez carne e habitou não só naquele mocambo do mangue, mas também em toda aquela comunidade, trazendo “novas de grande alegria<sup>75</sup>”, gerando um espírito solidário e fraterno<sup>76</sup> em todos, à semelhança do que ocorreu no nascimento de Jesus. A potência se fez ato, para, teimosamente, prosseguir sendo potência, em contínua sucessão alternante:

*- Severino, retirante, /deixe agora que lhe diga: / eu não sei bem a resposta da pergunta que fazia, / se não vale mais saltar / fora da ponte e da vida; nem conheço essa resposta, / se quer mesmo que lhe diga. / É difícil defender, só com palavras, a vida, / ainda mais quando ela é / esta que vê, severina; mas se responder não pude/ à pergunta que fazia, /ela, a vida, a respondeu com sua presença viva.*

<sup>72</sup> MELO NETO, 1999.

<sup>73</sup> Em Kierkegaard, esperança e desespero são termos dialéticos. Severino desesperado está num ponto-limite. Basta que ele tome consciência de uma abertura, para que se inverta o seu desespero-fraqueza em desespero-desafio.

<sup>74</sup> KIERKEGAARD, 1980, p. 232-233.

<sup>75</sup> Lucas, 2:10.

<sup>76</sup> “... apareceu junto ao anjo grande multidão celestial, louvando a Deus e dizendo: Glória a Deus nas maiores alturas, paz na terra, fraternidade entre os homens” Lucas, 2:13-14.

José está contagiado pelo entusiasmo e pelo espírito fraterno instaurado com aquela nova vida severina nascida. Por isso, sente-se ainda mais convicto, pois testemunha que “enquanto um homem permanece entre os vivos, há esperança<sup>77</sup>”. E, desta vez, o Carpina não se prende mais aos detalhes na construção do argumento de sua exortação, mas apenas aponta para a potência criada pela nova vida explodida.

*E não há melhor resposta / que o espetáculo da vida:  
vê-la desfiar seu fio, / que também se chama vida,  
ver a fábrica que ela mesma, / teimosamente, se fabrica,  
vê-la brotar como há pouco / em nova vida explodida;  
mesmo quando é assim pequena / a explosão, como a ocorrida;  
mesmo quando é uma explosão / como a de há pouco, franzina;  
mesmo quando é a explosão / de uma vida severina.*

Discurso teológico de eloqüência singular! A “nova vida explodida” é uma metáfora-símbolo na qual toda obra está condensada. Ela aponta para a potência que se enraíza nas profundezas do ser humano, para o inverso do desespero que motiva o salto da morte e é, ao mesmo tempo, a conseqüência e a potência do salto da vida. A “nova vida explodida” remete para além da linguagem, ao mundo da obra, à responsabilidade ética, revelando, como magistralmente observou Nunes<sup>78</sup>, a esperança de que a implosão da vida Severina poderá transformar-se em explosão. Isto porque, embora a condição Severina seja determinada de fora para dentro, a possibilidade da vida explodida é o testemunho do caráter não permanente da severinidade.

A nova vida nascida, pequena, franzina, severina, resistindo à ameaça da “morte Severina”, que ataca “em qualquer idade, e até gente não nascida,” teimosamente se fabricou, dando um salto para dentro da vida, constituindo-se “nova vida explodida”, semente de um novo salto, potência da afirmação de um “sim numa sala negativa”, amostra de que “a experiência da condição Severina é a experiência de seu possível ultrapassamento<sup>79</sup>”.

O título e o subtítulo da obra sugeriram que os Evangelhos de Mateus e Lucas estariam subscritos, como num palimpsesto. A auto-apresentação de Severino mostrou que são muitos Severinos e que, nesta multiplicidade, estaria uma possível identidade entre Severino e João, o batista; entre Severino e Jesus de Nazaré. Severino é, portanto, um tipo de João, pois vai conduzindo o leitor até Jesus, mas também é o menino que nasce para a redenção dele mesmo e de outros tantos Severinos.

A viagem de Severino pode ser entendida, portanto, como uma alegoria do drama humano. O drama dos que, cheios de esperança, buscam uma vida mais digna, mais plena, mas sempre esbarram nos agentes da opressão e da morte. Assim compreendido, o caráter trágico da narrativa tem o efeito de intensificar o símbolo do nascimento da criança e o encaixe do Auto de Natal deixa entrever que os Evangelhos estão não apenas refletidos, mas refratados, transformados, de modo que transparecem apenas alusivamente.

---

<sup>77</sup> Eclesiastes, 9:4.

<sup>78</sup> NUNES, 1974, p. 89.

<sup>79</sup> NUNES, 1974, p. 88.

O anúncio do nascimento no poema, identicamente aos Evangelhos, dirige-se aos pobres, aos que buscam vida digna. Os elementos mitológicos como o anjo e a concepção espiritual de Maria são substituídos por elementos humanos: uma mulher anuncia a José que seu filho nasceu. A revelação aqui é natural, humana, e aponta para uma esperança operativa. Essa esperança, pelo caráter operativo e construtivo, reúne as dimensões política e teológica fundindo-as, no sentido de Fromm<sup>80</sup>: “O objetivo da esperança não é senão uma vida mais plena, um estado de maior vivência, uma libertação do enfado eterno, ou, para usar um termo teológico, a salvação, ou, um termo político, revolução.” Esperança que não se constrói sem sofrimentos, algo próximo ao espírito da poesia hebraica: “Os que semeiam em lágrimas, com cânticos de júbilo segarão. Aquele que sai chorando, levando a semente para semear, voltará com cânticos de júbilo, trazendo consigo os seus molhos<sup>81</sup>”.

A intensidade da ação dramática sobrevalorizou o nascimento do menino, dando-lhe peso teológico. A alusão a Jesus reforçou os símbolos da comunhão espiritual, à semelhança do que ocorre em toda peça-mito, mesmo na vertente mais secularizada, como diz Frye<sup>82</sup>. Com o evento do nascimento, teimosamente, na moldura do cenário nordestino, teceu-se um fio que produziu algo comparável ao que Eliade<sup>83</sup> chama de “Irrupção do sagrado”.

O poético-teológico no nascimento de Jesus-severino transforma o sentido da esperança. Não uma esperança para além desta vida, mas uma pequenina, que compra a vida a retalho e, teimosamente, impulsiona a vida a se fabricar a cada dia. A esperança-semente da “nova vida explodida” é uma abertura do ser; é a potência que testemunha que a vida não está condenada ao drama trágico, que ela pode se tornar um espetáculo festivo, solidário, fraterno.

## 17. O palimpsesto Cabralino

*Somos palimpsestos,  
escritura sobre escritura,  
esquecidas, apagadas,  
mas indelevelmente gravadas  
no tecido prontas a ressurgir,  
se a encantação correta for feita<sup>84</sup>*

Pode-se afirmar que o hipertexto passa por processos de transformação que se apresentam como ampliação, redução ou substituição, podendo, numa mesma passagem, acumularem-se os três<sup>85</sup>. No palimpsesto revelado no Auto de Natal Pernambucano apresenta-se um exemplo dessa acumulação transformativa, identificada aqui como um fazer teológico

---

<sup>80</sup> FROMM, 1980, p. 24.

<sup>81</sup> Salmo 126:5-6.

<sup>82</sup> FRYE, 1973, p. 278.

<sup>83</sup> ELIADE, 1977, p. 11.

<sup>84</sup> ALVES, 1987, p. 13.

<sup>85</sup> GENETTE, 1982, p. 12-14.

não normativo, como texto teológico de produção heterodoxa, como reescritura poético-teológica. Hermenêutica hipertextual e uma relação transdisciplinar.

## 18. Uma leitura entre duas margens

No estágio das relações interdisciplinares, podemos esperar o aparecimento de um estágio superior que seria transdisciplinar, que não se contentaria em atingir as interações ou reciprocidades entre pesquisas especializadas, mas situaria essas ligações no interior de um sistema total sem fronteiras estáveis entre as disciplinas<sup>86</sup>.

A reflexão até agora empreendida mostrou que, mais do que um encontro, trata-se, antes, de um reencontro. Isto porque teologia e poesia nasceram no mesmo berço, cresceram nos mesmos espaços sagrados e, num certo momento, foram expulsas por um mesmo decreto<sup>87</sup>. Entre encontros e desencontros, entendidas como linguagens superadas na visão do científico-objetivista do positivismo lógico, são desconsideradas do âmbito da “verdade”.

Após o movimento dos estudos teológicos e literários para a ciência, um segundo movimento, já em curso, realiza-se. Trata-se do movimento da ciência para os estudos literários, em busca de marcas literárias no imaginário das comunidades científicas<sup>88</sup>, e da ciência para os estudos da religião, em busca da compreensão do complexo e universal fenômeno religioso. Se a ciência, cujo ídolo é a objetividade, já ensaia um encontro amistoso e profícuo com a poesia, o que se esperar de um reencontro entre duas irmãs gêmeas univitelinas?

O método de leitura utilizado nesta obra pode ser também utilizado no estudo de outras possíveis relações, entre as quais dos textos literários com os textos históricos, filosóficos, sociológicos, entre outros. Por isso, mais do que um encontro interdiscursivo e transtextual, estabelece-se uma relação inter e transdisciplinar.

## Considerações finais: uma ponte tecida com linguagem

Deus é símbolo que marca uma proibição de falar.  
Onde ele se diz, estabelece-se um grande silêncio.  
E sobre ele surgem as metáforas,  
Que é um jeito de dizer o que não pode ser dito<sup>89</sup>

<sup>86</sup> PIAGET apud WEIL, 1993, p. 30.

<sup>87</sup> JAEGER, 1986, p. 673-674. Platão sustenta a superioridade da filosofia sobre a poesia e distingue: a filosofia conhece a verdade e trata da essência das coisas; enquanto a poesia é teologia, desconhece a verdade e apenas cria ídolos. Não há lugar, portanto, nem para poetas nem para teólogos em sua República.

<sup>88</sup> COELHO, Eduardo Prado. **Universos da Crítica**. p.122. O autor aqui se refere à importância dos trabalhos de G. Holton sobre a dimensão do imaginário, o lado irracional e subjetivo das revoluções científicas de T. Kuhn, que orienta e condiciona o deslocamento atual do pensamento científico.

<sup>89</sup> ALVES, 1987, p. 13.

O homem é um ser que se diz na linguagem e, portanto, diz sua experiência enquanto ser-no-mundo. E, como a religião faz parte da experiência universal do homem, é através dos textos, dos símbolos e dos signos, da linguagem, enfim, que o homem também diz e interpreta sua experiência com o sagrado. Como o sagrado é uma experiência simbólica e a poesia traz à linguagem formas do homem experienciar o real que a linguagem comum normalmente oculta. Pela linguagem poética o ser humano traz à linguagem o símbolo. A rede simbólica na qual ficam depositadas as experiências profundas do ser humano apenas encontra a expressão mais potente na poesia porque a “metáfora é a superfície lingüística dos símbolos”<sup>90</sup>.

A metáfora-obra **Morte e Vida Severina** é uma daquelas metáforas profundas, que, na medida em que “chega à estrutura valorativa do ser, produz sentido e significação, levando o humano a discernir e a se comprometer de tal modo, que todo o seu ser é afetado, determinando o seu agir e seu existir”<sup>91</sup>.

Da obra poético-teológica de João Cabral, pode-se dizer que, nela, beleza e verdade se uniram na metáfora-obra, por um lado, para buscar um “tempo perdido”<sup>92</sup>, como sugeriu Proust<sup>93</sup>, por outro, para desvelar os possíveis humanos da vida que se alimenta da esperança, para alusivamente revelar a figura de Jesus na criança nascente, testemunhando com Adélia<sup>94</sup> que “a poesia é exatamente o rastro de Deus nas coisas”.

O palimpsesto revelou possíveis mundos da obra: a esperança de que a vida guarda sempre uma semente-salto; a esperança de que cada “nova vida explodida” será, de novo, potência de uma nova explosão; a esperança de que a vida resiste e insiste, apesar das condições adversas; a esperança que alimenta o último fio da vida, impulsionando-a, teimosamente, a se fabricar.

Diálogo entre textos, entre disciplinas; ponte tecida com a linguagem poética. Obra-metáfora que, por excelência, opera a mímeses, assimila e traduz o símbolo, afeta o “ser-no-mundo”, desdobrando diante dele um possível mundo e um possível “modo-de-estar-no-mundo”.

---

<sup>90</sup> RICOEUR, 1995, p. 115.

<sup>91</sup> SEGUNDO, 1995, p. 191.

<sup>92</sup> O tempo perdido, para Proust, é mais do que um mero passado, mas o tempo no estado puro, numa fusão de um instante presente e de um instante passado, o contrário do tempo que passa: o extratemporal, a eternidade.

<sup>93</sup> PROUST apud GENETTE, 1972, p. 43.

<sup>94</sup> ADÉLIA, 1996, p. 20.

## BIBLIOGRAFIA

- BARBOSA, João A. **As Ilusões da Modernidade**. São Paulo: Perspectiva, 1986.
- BARROS, Diana L. P. de e FIORIN, José L. (Org.). **Dialogismo, Polifonia, Intertextualidade: Em torno de Bakhtin**. 2ª ed. São Paulo: Edusp, 1999.
- BORGES, Jorge L. **A Muralha e os livros**. Rio de Janeiro: Sabiá, s.d.
- BORNHEIM, Gerd. A. Breves observações sobre o sentido e a evolução do trágico. In: \_\_\_\_\_. **O sentido e a máscara**. São Paulo: Perspectiva, 1975.
- CASSIRER, Ernst. **Antropologia Filosófica**. São Paulo, ed. Mestre Jou, 1979.
- COELHO, Eduardo P. **Os Universos da Crítica**. Lisboa: Edições 70, 1982.
- ELIADE, Mircea. **Tratado de História das Religiões**. Lisboa: Cosmos, 1977.
- FROMM, Erich. **A Linguagem Esquecida: Uma introdução ao entendimento dos sonhos, contos de fadas e mitos**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1980.
- GENETTE, Gérard. **Palimpsestes**. La littérature au second degré. Paris: Éditions du Seuil, 1982.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em Análise do Discurso**. Campinas: Pontes & Editora da Unicamp, 1989
- MELO NETO, João C. de. **Morte e Vida Severina**. Rio de Janeiro: Livraria José Olímpio Editora, 1982.
- NUNES, Benedito. **João Cabral de Melo Neto**. Petrópolis: Vozes, 1974.
- RIKOEUR, Paul. **A Metáfora Viva**. São Paulo: Loyola, 2000.
- \_\_\_\_\_. **Teoria da Interpretação**. Porto: Porto Editora, 1995.
- SILVA, Eli B. ... **e o divino se faz verbo: conjunções entre símbolo e metáfora**. In: Estudos de Religião 29. São Paulo: Umesp, 2005.
- STAIGER, Emil. **Conceitos Fundamentais da Poética**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.
- VV.AA. **A Bíblia de Jerusalém**. São Paulo: Paulus, 1995.

Recebido em 03/10/ 2012

Aprovado para publicação em 15/12/2012